

ESCOLA, LUGAR DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO LGBTT? ANÁLISE EMPÍRICA DE UMA QUESTÃO POLÊMICA.

Jucênio Gomes de Araújo

Gislandio Lacerda da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

jucenio_gomes@yahoo.com

lacerdasilva.jus@gmail.com

Orientador: Alexandre Cordeiro Soares

Alexandre_scordeiro@hotmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva analisar, se há inclusão de indivíduos LGBTT no espaço escolar ou se os mesmos são excluídos desse convívio, em decorrência de sua condição sexual. Trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa, onde recorreremos à consulta bibliográfica, apropriando-nos da teoria Queer¹ e dos estudos pós-estruturalistas. A pesquisa estruturou-se a partir de um questionário de 20 (vinte) perguntas, respondidas por 50 estudantes do ensino médio com idade entre 15 e 20 anos da escola estadual Severiano Pedro do Nascimento, localizada na cidade de Puxinãna, Paraíba. Desse questionário foram selecionadas 6 (seis) questões, para que pudéssemos analisar. Observa-se a partir da análise dos resultados da pesquisa que, mesmo os alunos e alunas afirmando não serem preconceituosos, verificou-se que as praticas não condizem com seus discursos, pois afirmam ser a escola um lugar de preconceito, discriminação e violência contra estudantes LGBTT. Percebeu-se que para a maioria dos alunos e alunas entrevistados essa discriminação e violência se dar pelo fato desses sujeitos fugirem a “norma correta”, considerada por eles, a Heterossexual.

Conclui-se que o estudo e debate sobre a diversidade de gênero e sexualidade é necessário dentro do meio escolar, não a partir de um viés biológico, mas social e histórico, para que cada vez mais possamos derrubar barreiras, estigmas e “verdades” historicamente e culturalmente construídas, talvez assim, poderemos ter, em um futuro próximo quem sabe, uma escola realmente plural.

Palavras-chave: Escola; inclusão; LGBTT.

- 1- Entendemos a teoria Queer como sendo uma teoria sobre o gênero, que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de uma construção social.

Summary

This article aims to analyze if there is inclusion of LGBTTT individuals at school or if they are excluded from this interaction, because of her sex. This is a qualitative-quantitative research, where we used the bibliographic research, appropriating the Queer¹ theory and poststructuralist studies. The research was structured on the basis of a questionnaire of twenty (20) questions, answered by 50 high school students aged between 15 and 20 years of public school Severiano Pedro do Nascimento, located in Puxinãna, Paraíba. This questionnaire were selected six (6) issues so that we could analyze. It is observed from the analysis of the search results that even the boys and girls saying they are not prejudiced, it was found that the practices are not consistent with his speeches because they claim to be the school a place of prejudice, discrimination and violence against students LGBTTT. It was noticed that for the majority of pupils interviewed about discrimination and violence occur because these subjects fleeing the "correct standard", considered by them, the Straight. We conclude that the study and discussion of the diversity of gender and sexuality is necessary within the school environment, not from a biological bias, but social and historical, that increasingly we can break down barriers, stigmas and "truths" historically and culturally constructed, maybe so, we may, in the near future who knows, a truly plural school.

Keywords: School; inclusion; LGBTTT.

Introdução.

A diversidade sexual tornou-se assunto muito explorado nas últimas décadas em diferentes espaços, sejam eles o parlamento, universidades (por meio de eventos como seminários, colóquios e congressos), organizações não governamentais (ONG), entre outros, que buscam combater à discriminação e à violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros – LGBTTT.

Embora nossa constituição Federal em seu artigo 5º afirme que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, é notório que o grupo LGBTTT, assim como outros, sofre todo tipo de discriminação e preconceito, que tem como consequência, o aumento da violência (física ou psicológica) contra essas pessoas.

A escola é um dos lugares onde a discriminação, preconceito e violência são constantes contra esses sujeitos. “É sem sombra de dúvida a escola um lugar de sexualidade proibida” (Araujo, 2006 p. 408), pois expressar interesses e desejos que fujam da norma considerada “normal”, ou seja, a Heterossexual, é ter a certeza que sobrarão o silêncio a dissimulação, a segregação e a exclusão.

Percebemos que a escola deve ser um lugar de todos e para todos, assim entendemos ser o papel da escola assegurar a todos a igualdade de condições de acesso e permanência, sem que haja qualquer tipo de discriminação, como aduz nossa carta magna de 1988.

Diante disso, pretendemos analisar se a escola é um lugar de inclusão de indivíduos LGBTTT, ou se os mesmos são excluídos desse convívio, em decorrência de sua condição sexual. Escolhemos para o desenvolvimento dessa pesquisa a escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severiano Pedro do Nascimento, localizada na cidade de Puxinãna, na Paraíba.

A pesquisa buscou verificar se há entre os alunos, dessa escola, discursos e práticas homofóbicas, assim como identificar os motivos que os levariam a atitudes de discriminação e preconceito contra o grupo LGBTTT.

Acreditamos ser a educação um direito básico, garantido pela constituição, o que torna o ambiente escolar importante espaço de promoção da cidadania. Contudo, é necessário que a escola seja um espaço de valorização da pluralidade e da diferença, para

que não seja espaço de isolamento e de exclusão, cujas consequências podem ser a evasão escolar e o sofrimento.

Pesquisas como essas são de inegável relevância, pois nos possibilitará propor discussões a respeito de preconceito, discriminação e violência contra o grupo LGBTTT, afim de que possamos desconstruir “verdades” que foram criadas ao longo do tempo, verdades que não são absolutas, por óbvio; desconstruir certos discursos que se cristalizaram como universais.

Propomos ainda, uma discussão de sexualidade, não apenas por um viés biológico, mas, uma discussão que perceba a sexualidade como uma construção histórica e social.

Objetivamos assim, dar nossa contribuição no sentido de contribuir a fim de que a escola se torne um lugar de respeito à diversidade, ao diferente. Acreditamos que somente rasurando o modelo tradicional através da discussão, poderemos um dia reescrever outra história, diferente dessa escrita a partir do paradigma religioso-patriarcal. Acreditamos ser a escola o meio social que introduz o indivíduo na vida social e é por essa razão foco do nosso estudo.

Metodologia.

O presente trabalho utiliza a pesquisa de campo, em uma abordagem quantiqualitativa, apropriando-nos da teoria Queer e dos estudos pós-estruturalistas. A pesquisa estrutura-se a partir de um questionário de 20 (vinte) perguntas, feitas a 50 estudantes do ensino médio com idade entre 15 e 20 anos da escola estadual Severiano Pedro do Nascimento, localizada na cidade de Puxinãna, Paraíba, sendo empregada a indução. Entendemos ser esta metodologia, a mais adequada para captar algo tão subjetivo e transformá-los em dados. Desse questionário foram selecionadas 6 (seis) questões, para que pudéssemos realizar a analisar os resultados, tais questões se referem, a percepção desses alunos sobre a presença de estudantes LGBTT no ambiente escolar.

Análise dos resultados.

Com a intenção de obtermos resultados que respondessem nossa inquietação, analisamos as respostas das seis questões selecionadas e respondidas pelos alunos e alunas entrevistados (as) da escola estadual Severiano Pedro do nascimento, em Puxinãna.

Questionamos os alunos e alunas dessa instituição de ensino sobre sua percepção em relação à presença de LGBTT (Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestisses) no ambiente escolar, assim como a relação desses com o corpo discente da escola, buscando dessa forma saber se a escola é um lugar de inclusão ou exclusão desse grupo.

Analisamos essas questões e seus resultados, buscando tecer reflexões e questionando o lugar da escola como sendo espaço de inclusão de todos.

Indagamos se os jovens tinham preconceito contra homossexuais ou outros sujeitos LGBTT, e a resposta foram unânimes, 100% afirmaram que não. Contudo, ao perguntamos qual era a orientação sexual normal para eles, todos, ou seja, 100% responderam ser a heterossexual, pois, segundo os mesmos, ser outra coisa que não heterossexual é anormal.

Apropriamo-nos das teorias pós-estruturalistas para refletirmos sobre esses dados, e, nesse momento nos parece um tanto quanto oportuno concordar com o grande teórico Stuart Hall (2000, p.12), quando afirma que se “sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é porque apenas construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”.

Ancorado nessa teoria, (Silva, 2000: 252). *Verbis*:

“fugimos da ideia de ser o sujeito portador de uma identidade fixa e móvel, centrada na racionalidade, mas como portador de múltiplas identidades, identidades estas, que são cotidianamente construídas nas tramas de poder, que estão a todo o momento sendo criadas pelos dispositivos de poder, pois o poder constitui, produz, cria identidades e ES”jetividades”

Segundo Araujo (2006, p. 408) “a escola é um lugar onde a sexualidade é proibida, pois quem não se enquadra a esse modelo heterossexual, tido como o normal, verdadeiro, é classificado como o outro, o anormal.”

Conforme (Louro, 1999, p. 26)

“aqueles e aquelas que se atrevem a expressar de uma forma mais evidente sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.”

Isso parece evidente quando questionamos os alunos e alunas sobre qual sua atitude ao presenciar cenas de caricias e afetividades entre pessoas do mesmo sexo, onde 90% afirmaram não aceitar esse tipo de demonstração de carinho, enquanto 10% afirmaram não se importar.

Ainda conforme (Louro, 1999, p. 27)

“para esses sujeitos que se percebem com interesses e desejos distintos da norma heterossexual, restam poucas alternativas, como o silêncio a dissimulação ou a segregação, pois demonstrar sua opção pode ser sem sombra de duvidas justificativa para serem agredidos e excluídos, problema que se tornou constante no espaço escolar.”

De acordo com dados coletados em nosso questionário, para 100% dos alunos e alunas entrevistados, a escola é um lugar onde os preconceitos, a discriminação, são constantes contra pessoas LGBTT, todos afirmam já ter presenciado cenas de desrespeito com essas pessoas.

Ainda conforme os dados coletados, 90% dos alunos e alunas entrevistados, afirmaram já ter presenciado cenas de violência contra pessoas consideradas pertencentes ao grupo LGBTT. A violência contra essas pessoas não se apresentam apenas de forma física, mas também psicológica.

De acordo com (Góis e sóliva 2011)

“uma das formas de operacionalizar a violência psicológica é através das agressões verbais e ameaças de agressão, sendo uma característica marcante desse tipo de violência à capacidade que ela possui de, pelo uso da palavra, difundir visões de mundo,

representações e sentimentos negativos que humilham e depreciam um dado indivíduo ou grupo social.”

Isso pode ser constatado por meio de nosso questionário, quando perguntamos aos alunos e alunas qual era a reação deles ao ver alguém contando piadas sobre sujeitos LGBTT, 60% afirmam se divertir e achar normal, 24% afirmaram não gostar, mas não dizem nada para não serem taxados de amigos e defensores, e, enfim, 16% dizem não gostar e pedirem pra parar.

Percebe-se que os alunos e alunas trazem consigo o preconceito e o discurso da heteronormatividade e o reproduzem, acreditando ser o normal e natural, como se houvesse uma maneira apropriada, correta ou padrão de ser.

Para Michael Foucault (1993, p. 146) “O domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder”. Portanto, podemos observar que historicamente nos tornamos conscientes de nossos próprios corpos naturalizando, cristalizando os significados que damos ao corpo, acabamos enraizando a ideia de que só existe uma maneira de ser: a Heterossexual.

CONCLUSÃO.

Nosso objetivo foi questionar o papel da escola como lugar de inclusão ou exclusão dos sujeitos LGBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, travestis e transexuais). Indagamos os alunos e alunas entrevistados sobre sua percepção com relação à presença de pessoas LGBTT no espaço escolar.

O que se percebe é a forte presença de preconceito e discriminação desses sujeitos no ambiente educacional, e como consequência a violência, desde a psicológica até a física, se tornam frequentes.

A escola é um lugar onde expor sua sexualidade é um tanto quanto perigoso, pois para a maioria dos alunos e alunas entrevistados (as) a normalidade é a Heterossexualidade, e para aqueles e aquelas que se atrevem a expressar de outra forma sua sexualidade sobre o silêncio e a segregação, pois passam a ser percebidos pelo outro, como anormal.

A maneira como esses alunos e alunas percebem e tratam os outros estudantes, considerados diferentes da “normalidade”, é fruto de um alto investimento social que buscou em toda a História estabelecer um padrão Heterossexual para os sujeitos.

Portanto, torna-se urgente que temas como gênero e sexualidade, sejam discutidos nas escolas, para que assim possamos construir uma sociedade mais justa e sem discriminação.

Através dessa proposta de desconstrução, levaremos alunos e alunas a perceberem que determinados dogmas são uma invenção social, construído por um sistema de poder, e como tal opressor, sempre em desfavor do mais vulnerável socialmente.

Assim, perceberão que a narrativa que se construiu para eles, e por eles reproduzida, através de suas narrativas pessoais, não são as únicas nem absolutas.

Mesmo que tais assuntos ainda fiquem restritos a colóquios, podemos acreditar que já é um pequeno passo na busca de poder desnaturalizar certas verdades impostas, e assim, fazer, mesmo que vagarosamente, o que Alfredo Veiga Neto nos propõe, “pequenas revoltas diárias.” (Neto, 1995: 49).

Resta-nos apenas fazermos a nossa parte, talvez assim sejamos capazes de respeitar o outro nas suas diferenças, e assim construirmos uma sociedade justa e igualitária, a começar do portão da escola.

Referencias bibliográficas

- Araujo, Jucenio Gomes. A escola: um lugar de sexualidade proibida. II colóquio nacional de gênero e sexualidade, campina grande – PB- editora, universitária/ ADUEFPB, 2006
- BARROS, Ofélia Maria de. Gênero e corpo: Quais os seus lugares na História? In. Representação de gênero e de sexualidade: inventários diversificado/ Antônio de Pádua Dias da Silva (org). – João Pessoa: Editora Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1993.
- Góis, João Bosco Horas & Soliva, Thiago Barcelos. **A violência contra Gays em ambiente escolar. Revista espaço acadêmico. Nº 123- mensal. agosto. 2001- disponível em: WWW. Periódicos .uem.br/index.php/espaço acadêmico.**
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/ Stuart Hall; tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 4. ed. Rj: 2000.
- LOURO, Gaucira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In. O corpo ducado: Pedagogias da sexualidade. Gaucira Lopes Louro (org), Tradução de artigos: Tomás Tadeu da Silva, Belo horizonte: Autêntica Editora, 1999. pp. 07 – 34.
- NETO, Alfredo José da Veiga. Crítica pós-estruturalista da educação. Alfredo José da Veiga Neto (org) ... [et al.] – Porto Alegre, Sulina, 1995.
- SILVA, Tomás Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomás Tadeu da Silva (org) Stuart Hael, Kathryn Woodward. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2000.

